

CONTOS AMARILLOS



Um conto de
Carlos da Terra

© 2011 de Carlos da Terra

capa: Acácia dos Campos da Terra
Foto da capa: Photoprint

Terra, Carlos da
Juntos amanhã/Carlos da Terra - São Paulo

1- literatura Contos Romances

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações sem a permissão, por escrito, do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

Juntos amanhã

A vida, para o velho Darci, já não tinha muitas cores.

Tudo ficou sem graça, quando ele perdeu sua companheira, Ludmila, recentemente. Vivia ele, agora, das doces lembranças de suas vidas, recolhido a um velho rancho, sua atual residência que antes era usado apenas para os passeios dos fins de semana.

O velho Darci parecia, ali, aguardar tranquilamente a sua própria morte que o levaria, novamente, ao seio afável de sua amada.

Olhava calmamente toda a natureza à sua volta e compensava a ausência temporária de sua companheira, contemplando pássaros e flores e sempre ao lado de seu cão, remanescente do seu lar com Ludmila.

Junto com a cabana do rancho era essa cadela, a Sedna, o que mais lhe recordava a existência efêmera ao lado de sua amada companheira.

É que Sedna foi adotada por sua saudosa companheira em condições muito marcantes! Foi assim, lembrava Darci:

Ludmila admirava os animais, e em especial os cães, mas devido à falta de tempo, da vida corrida, atarefada, não desejava ter nenhum cão sob seus cuidados.

Ela dizia que não precisava ter um animal em sua casa, porque todos os animais pertencem a todas as pessoas e também pertencem a todos os outros animais; sendo eles obra do Criador, não poderiam pertencer a ninguém em particular.

No entanto – continuavam as reminiscências de Darci – em certa manhã um cãozinho machucado, sedento e faminto, ficou parado desde a madrugada com os olhos entristecidos, bem à porta de sua casa.

Ludmila olhou carinhosamente para o animal, deu-lhe água e comida, mas não o recolheu; o cãozinho abanava o rabo em agradecimento e seus olhos já não pareciam tão tristes.

Nos dias seguintes, todas as madrugadas, quando Ludmila ia recolher o leite e o pão, o cãozinho estava deitado junto ao portão e, para o espanto de Ludmila, ele não mexia nem no leite e nem no pão que o padeiro deixava e que poderia ser alcançado facilmente.

Ao recolher o pão, ela partia, com as mãos, um pedacinho e o dava à Sedna, que devorava com grande satisfação, demonstrando estar com muita fome ou vontade de comer. Mas.... nunca mexia no pão antes de Ludmila lhe oferecer. Isso fez com que ela começasse a olhar mais atentamente para Sedna, querendo descobrir onde, afinal, essa simpática cachorrinha morava.

Em uma manhã agradavelmente fresca, Ludmila resolveu seguir os passos da cadelinha.

Viu a intimidade com que ela entrou em uma casa de muros baixos e pensou, segura de si: - “é aqui a casa dessa cadelinha”. E como a cachorra empreendeu uma dessultória frenética, lembrou a Ludmila a inconstância dos elementos astrais, sugerindo-lhe então o nome de Sedna.

Foi aí, nesse momento que Sedna foi “batizada”.

Em outro dia, numa tarde de primavera, Ludmila saiu olhando os jardins das casas e passando por onde morava a Sedna, foi tomada de um sentimento de surpresa e desespero quando viu o dono da cachorra espancando-a violentamente.

A tristeza tomou conta de Ludmila, que foi embora cabisbaixa, taciturna.

Foi para casa sentindo-se mal e confusa, e tristemente relatou o caso ao Darci, que lhe aconselhou “não pensar mais no que acabara de ver” para não sofrer; Mas não lhe afastava o sentimento de que poderia tratar o animal muito melhor do que aquele homem cruel, embora que ao fazer isso estaria tomando o lugar do dono, que mesmo sendo um espancador, poderia, talvez, ter alguma qualidade que agradasse a Sedna, ou que ela tivesse prazer em ser alimentada e cuidada por ele, mesmo que essa não fosse a impressão de Ludmila naquele momento. Enfim, poderia ser um jeito meio estranho de amar.

Certo dia, Sedna apareceu machucada e a cada vez mais frequentemente permanecia no portão, agora também à noite, e mesmo após Ludmila suspender-lhe qualquer alimentação ou petisco e até água.

O leite e o pão continuavam sempre intactos, mas Sedna aparentava estar com muita fome.

Ludmila resolveu passar na casa do dono da cadela para conversar e pedir licença, sem ofendê-lo, de alimentá-la regularmente pelo simples fato de gostar dela e por esta atividade lhe proporcionar prazer, mas topou com a casa toda fechada, com aparência mesmo de casa vazia; abandonada!

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

